

APRESENTAÇÃO

Desde os primeiros anos deste século, críticos universitários têm se posicionado sobre os rumos da crítica literária e cultural no Brasil, preocupados com o seu esvaziamento e perda de sentido. Seus textos, distintos em termos de abrangência e formato (de artigos curtos para jornal a livros) fazem, no conjunto, uma avaliação negativa da atividade crítica contemporânea e, de modo geral, clamam pela retomada de algumas das suas funções – avaliar, hierarquizar, organizar e explicar – que estariam, por vários motivos, sendo deixadas de lado.

Contudo, apesar do pessimismo, é possível destacar algo novo e interessante nesses escritos: eles tomam o ato e o texto de crítica como objetos dignos de reflexão e pesquisa, seja porque a crise da crítica demanda auto-exame urgente, seja porque uma crise mais geral, da cultura e da literatura, que corresponderia a uma crise de representatividade social destas, faz com que a crítica repense o seu lugar na sociedade e, mais especificamente, no campo literário.

Na esteira dessas tomadas de posição, o objetivo, ao propor este dossiê para a revista *Teresa*, foi reunir ensaios sobre o discurso crítico brasileiro. Por meio de uma chamada de trabalhos abrangente, buscou-se trazer para o debate pesquisadores que vêm se debruçando sobre o texto crítico no país, em suas diferentes tendências, usos e interrelações, e, da mesma forma, em outros momentos de nossa história literária. Optou-se, dessa maneira, por não limitar a chamada de textos aos dilemas do presente, nem definir *a priori* funções ou conceitos de crítica literária, o que, em boa medida, permite tomar um pouco de distância das angústias contemporâneas para buscar uma ampliação dos termos do debate.

Desse modo, os artigos publicados neste dossiê enfocam temas e estudos críticos que se situam do romantismo aos dias de hoje. E, mesmo que sejam textos de pesquisadores universitários, investigam não apenas esse segmento, isto é, da crítica acadêmica, mas, também, escritores e críticos de jornal e, em alguns casos, ainda, articulam os três tipos de crítica, de jornalistas, de escritores e de professores (para utilizar a divisão proposta por Albert Thibaudet). O conjunto, ainda, questiona o caráter acessório da crítica, ao demonstrar seus vínculos estreitos não só com o texto dito criativo como também com a recepção deste, que, no limite, ao eleger e recortar, como que transforma, de acordo com interesses muitas vezes externos à fatura, o que será lido de uma obra.

Assim, na seção **Ensaaios**, o primeiro grupo de textos examina tanto a crítica feita por escritores quanto a crítica entranhada na própria obra literária. É o que se percebe na contribuição de Lênia Márcia Mongelli, “Ariano Suassuna: ‘a legenda e o real são uma coisa só!’”, que abre o dossiê. Trata-se de um texto erudito sobre o arsenal teórico proveniente da crítica e da historiografia literárias, da linguística e da psicologia, que está na base do *Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Nos dois textos subsequentes, de Olga Kempinska, “Hilda Hilst lê Beckett”, e de Amanda Rios Herane, “‘Conclusões gerais’: a leitura da peça *O que é o casamento?*, de José de Alencar, no conto ‘Curiosidade’ e na crítica de Machado de Assis”, as análises demonstram como as obras devem à leitura crítica, aproximando os gestos criativo e crítico. No caso de Machado de Assis, a obra literária, isto é, o conto, resulta de uma crítica de jornal, o que recoloca o debate sobre a possibilidade da ficção oferecer respostas para a vida real. Nesse mesmo grupo de textos, o artigo de Bianca Ribeiro Manfrini articula o crítico e o estético em Mário de Andrade, que estão, segundo a autora, unificados pelo posicionamento político do autor.

O segundo grupo de artigos apresenta colaborações que investigam a crítica de jornal, predominante em um período da nossa história literária e cultural que antecede a propedêutica da crítica universitária. O artigo de Eduardo Cesar Maia, “Último refúgio do indivíduo: o ideal de *autonomia* na crítica de Álvaro Lins”, tem como foco os textos em que o autor pernambucano discute o ato crítico, oferecendo uma percepção do indivíduo como refúgio contra formas e discursos dogmáticos. De sua parte, Pedro Bueno de Melo Serrano se detém na crítica de rodapé paulista, de 1920-1950, elaborando um mapeamento dos críticos de quatro jornais do Estado em quatro décadas. Finalmente, o texto de Antonio Arnoni Prado se debruça sobre a crítica de Humberto de Campos e enfatiza as limitações desse autor, em um estilo de crítica, a crítica biográfica, praticamente extinto.

Um terceiro grupo de textos tem como objetivo a investigação de fortunas críticas e seu papel na recepção das obras literárias. Gabriela Manduca, em “O sentido político do realismo de Machado de Assis na crítica literária dos anos 1970: os ensaios de Carlos Nelson Coutinho”, discute a retomada do aspecto realista na obra de Machado, em contexto de ditadura militar e mobilização política. Na mesma trilha, mas em outros contextos históricos, Jean Pierre Chauvin, em “‘Pictórico’, categoria do Seiscentos”, e Emmanuel Santiago, em “Jabuticaba literária: parnasianismo brasileiro, crítica literária e ‘arte pela arte’”, questionam as adequações e distorções operadas pela crítica do século XX, relativas, respectivamente, à literatura colonial e ao parnasianismo. Por seu turno, o texto de Jéssica Cristina Jardim, “Ensaio de síntese: conceito de imaginação na crítica literária do romantismo brasileiro”, compara, pelo exame de textos de crítica, os usos do conceito de imaginação no período romântico, aqui e na Europa, ressaltando as diferenças e os limites desse conceito no Brasil. Finalmente, o ensaio de Fabiano

Mendes, “Crítica... Graciliano Ramos... Crítica... : seus romances, os críticos, suas críticas numa ciranda”, articula os textos de crítica ao autor com os comentários deste à sua literatura e à literatura de outros, sempre em referência indireta à própria obra. Trata-se de tomada de posição que se tornará estratégica nos dias que correm.

É o que se percebe no ensaio “As armas do invasor: Luiz Ruffato e as disputas do campo literário brasileiro”, de Rodrigo da Silva Cerqueira, que abre o último bloco de ensaios, cujo foco é a crítica contemporânea. Lima discute os posicionamentos de Luiz Ruffato em entrevistas, depoimentos e digressões sobre a própria obra, os quais vão contribuindo para formar a sua imagem de escritor e ajudam a inserir a sua obra no campo literário brasileiro. Já, em “O uso da contradição no discurso do historiador Gilfrancisco para reescrever a literatura sergipana”, Thiago Martins Prado dá notícia de um modo específico e peculiar para se refletir sobre a história literária regional. Finalmente, em “Algumas questões (muito pessoais) sobre a crítica literária hoje”, Patrícia Trindade Nakagome trata dos limites da crítica como uma escrita exclusiva aos pares, implicando-se e convidando o leitor a pensar conjuntamente formas de ação para sairmos do estado de anomia em que nos encontramos. Portanto, o texto que fecha a seção **Ensaio**s é o que mais se aproxima dos dilemas contemporâneos enunciados na abertura desta **Apresentação**.

•

Em meio à elaboração deste número justamente sobre crítica literária, o Brasil perdeu uma figura cuja trajetória redefiniu e consolidou a atividade crítica entre nós. Uma forma que encontramos de render **Homenagem** a Antonio Candido (1918-2017) - cuja obra inspirou e inspira não apenas aqueles que se formaram na Universidade de São Paulo, onde construiu sua carreira, como também pesquisadores e professores Brasil afora - foi reunir três textos escritos por colegas da área de Literatura Brasileira da USP. No primeiro deles, relato de matiz pessoal e memorialístico, Luiz Roncari faz uma bela articulação entre a personalidade e a perspectiva crítica de Antonio Candido. No segundo, João Roberto Faria evoca passagens riquíssimas da convivência entre Antonio Candido e o amigo e crítico teatral Decio de Almeida Prado, seguidas de um depoimento inédito daquele sobre este, intulado “Apogeu”. Nas palavras de João Roberto, trata-se “desses textos definitivos, que iluminam igualmente as qualidades intelectuais e humanas de quem o escreveu”. Fechando a seção, Simone Rossinetti Rufinoni realiza uma leitura que se detém na obra de Antonio Candido, enfocando, especificamente, a reflexão crítica de Roberto Schwarz em torno de “De cortiço a cortiço” (1973) e “Dialética da malandragem” (1970).

•

Documentos recupera três artigos de Otto Maria Carpeaux, publicados na revista *Leitura*, em 1963, que dialogam com o dossiê proposto, uma vez que, ao escrever sobre Araripe Jr. [crítica], Raul Pompéia [prosa] e Augusto dos Anjos [poesia], o crítico procura debater com seus pares, elaborando também o que se poderia chamar de uma crítica da crítica, sem, contudo, deixar de expor o seu ponto de vista sobre os escritores e as obras em foco. Em boa medida, o estilo e o método de Carpeaux fazem a ponte entre a crítica de rodapé e a crítica acadêmica.



O número fecha com uma nova seção, **Brasil Maps**, cujo objetivo é registrar experiências e relatos de pesquisadores que trabalham com literatura e cultura brasileiras em centros de pesquisa e departamentos internacionais. É um modo de mapear a situação dos estudos literários brasileiros no mundo e, ao mesmo tempo, atualizar as discussões e fortalecer os laços que nos ligam a outras culturas. Quem inaugura esse espaço é a professora e pesquisadora Šárka Grauová, que aborda desde a gênese do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade Carolina de Praga até a sua configuração atual.



Outra boa notícia é que a partir desta *Teresa* a criação torna a caminhar de mãos dadas com a crítica. Resgatando suas origens, a revista volta a estampar em suas páginas a cena literária contemporânea. São três os escritores que colaboram neste número, cada um com três textos: Paulo Henriques Britto, que já colaborou em outro momento com a *Teresa*, Priscila Figueiredo, que é também professora da área de Literatura Brasileira, além do estreante Guilherme Paes.

Gostaria de finalizar esta apresentação agradecendo aos professores e críticos que enviaram seus textos; aos três poetas que não só atenderam ao nosso convite como enviaram poemas inéditos; à família de Antonio Candido, em especial, Laura Escorel, que separou gentilmente uma foto do mestre em sala de aula; ao fotógrafo Juan Esteves, pela cumplicidade absoluta; aos professores da área, que colaboraram com seus textos para a homenagem ao crítico - João Roberto Faria, Luiz Roncari e Simone Rossinetti Ruffinoni; ao colega Antonio Dimas que localizou e cedeu a histórica foto de Antonio Candido com os professores de Literatura Brasileira, agradecimento estendido a Alcides Villaça, João Roberto Faria e José Miguel Wisnik que ajudaram a identificar todos os colegas presentes na foto citada; à colega Cilaine Alves Cunha, que fez a ponte com a professora Šárka Grauová, da Universidade Carolina de Praga. Agradeço ainda aos colegas Jaime Ginzburg, que pacientemente me ajudou na organização geral do número, e ao Augusto Massi, que contribuiu com toques editoriais, pesquisa iconográfica e leitura final.

Jefferson Agostini Mello